

Home > Cidade > Estudantes indígenas conquistam espaços por intermédio da UEM

CIDADE

## Estudantes indígenas conquistam espaços por intermédio da UEM

O vestibular dos Povos Indígenas do Paraná terá a sua 22ª edição aplicada entre os dias 7 a 8 de maio deste ano e oferece vagas para o ingresso no ano letivo de 2023.

Por **Ingrid Souza** — Publicado em **19 de abril de 2023 - 14:26** — Atualizado em **19 de abril de 2023 - 14:30**



## ARUNA

Urbanismo arte

A arte de criar um mundo melhor

*Comemoração aos indígenas é relatada por alunos e pesquisadores com o avanço profissional que chega às comunidades*

Hoje (19) comemora-se o Dia dos Povos Indígenas. A partir de 2022, pela Lei 14.402/22, foi definido este nome com o objetivo de contemplar a diversidade cultural dos Povos Indígenas presentes em nosso país.

A coordenadora da Comissão Universidade para os Indígenas (Cuia), Maria Christine Berdusco Menezes, comenta sobre o papel da instituição na UEM. A comissão é responsável por acompanhar, desde o momento da matrícula até a formação dos povos.



As mais lidas

Prefeitura da região abre concurso público

“O trabalho da Cuia se faz presente em todos os momentos desde de inscrição do vestibular e durante todo o percurso acadêmico dentro da universidade, com atendimentos individuais. O trabalho é todo o acompanhamento do dia-a-dia” diz a coordenadora.

Uma das principais metas da Cuia é oferecer subsídios necessários para diminuir a evasão universitária que ocorre. Menezes, também é professora da área de Políticas Públicas e Gestão Educacional no Departamento de Teoria e Prática de Ensino (DTP). Ela relata que muitos estudantes vêm para a cidade, mas acabam não se adaptando e retornam para suas aldeias. Em casos como esse, o Ensino a Distância se torna uma peça fundamental para a continuação da graduação.

“Se a gente não inovar em todas as ações, não combatemos a evasão. Essa é uma das metas da Cuia, conseguir todas as possibilidades para a permanência e conclusão dos cursos”, disse.

Além disso, para a professora do DTP, uma outra meta a ser atingida é o aumento do números de alunos indígenas na UEM. Por meio da abertura de mais vagas destinadas a eles e aproveitamento daquelas que não estão sendo ocupadas, a Cuia, de acordo com a legislação estadual, recebe transfências solicitadas por estudantes indígenas visando que as IES públicas promovam, de todas as formas possíveis a formação dos ingressantes.

O vestibular dos Povos Indígenas do Paraná terá a sua 22ª edição aplicada entre os dias 7 a 8 de maio deste ano e oferece vagas para o ingresso no ano letivo de 2023. A UEM é responsável por coordenar o Polo de Manoel Ribas. Atualmente, a instituição possui mais de 40 estudantes formados, apesar de ser a universidade mais distante das aldeias. “É a Estadual do Paraná que mais forma alunos indígenas”.

- [Receba todas as nossas notícias pelo Whatsapp.](#)
- [Siga o Maringá Post pelo Instagram.](#)

O casal Natã Livanh Kuitá, 23 anos de idade, da etnia Kaingang, aluno do 1o. ano do curso de Agronomia, na Universidade Estadual de Maringá, e sua esposa Nina Kareg Vergílio, 23 anos de idade, que cursa graduação em Enfermagem na UEM são da Terra Indígena de Apucarantina, localizada no município de Tamarana, norte do Paraná. Antes, eles estudaram um ano em Ponta Grossa (UEPG), e pediram transferência, no mês de novembro, do ano passado (2022) para o câmpus-sede da UEM em Maringá.

Ele diz que enfrentar a distância do seu povo de origem é um desafio difícil, já que são muito ‘apegados à família’. “O nosso deslocamento até a cidade e a nossa moradia com o custo de aluguel pesam bastante, mas o primeiro passo já foi dado, para que as futuras gerações consigam ter o ensino superior”, pondera Kuitá.

A sua esposa acredita que foi um avanço cursar graduação no ensino superior gratuito que a favoreceu na sua transferência para UEM.

“Agora o nosso deslocamento é um pouco mais fácil para aldeia, até porque meus meus familiares conseguem me visitar em Maringá. Em Ponta Grossa, o nosso custo era muito elevado para deslocamento até aldeia. Ficávamos meses sem nos comunicar com nossos familiares. Temos uma filha, de apenas 6 anos de idade. E fazer um curso integral e ter que cuidar de um filho é outro desafio grande. Meu marido me ajuda, e a gente se ajuda muito de alguma forma”, comentou Nina.

Alciléia Miriã Claro, de 24 anos, Léia, como é conhecida no meio acadêmico, de etnia Guarani Nhandewa, da Aldeia Araçai, que fica no município de Piraquara (PR), faz curso de Enfermagem na UEM e representa a Auind UEM (Articulação dos Universitários Indígenas da UEM). Ela acredita que ser indígena nos dias atuais é algo desafiador. “Estamos em constante luta para ocupar os espaços e melhorar as condições de vida de nossas comunidades”.

com 30 vagas e salários de até R\$ 5.000,00

Tempo fica nublado nesta sexta-feira (17), mas pode chover no fim de semana

Maringá Futebol Clube contrata o lateral direito Alemão para o Brasileiro Série D

Médico do Detran-PR é afastado por acusações de corrupção em exames de vista

Proposta legislativa visa exigir assinatura presencial de idosos em empréstimos no Paraná



A Auiud foi fundada em 26 de abril de 2018 para fortalecer a autonomia, acompanhar e debater propostas em prol de melhoria do ingresso, permanência e formação dos indígenas da UEM. Com apoio da Cuia, tem oferecido suporte desde o ingresso dos estudantes indígenas na graduação até a formatura. “Sempre recebemos incentivo à autonomia das nossas questões dentro da instituição”, menciona Alciléia.

- [Receba todas as nossas notícias pelo Whatsapp.](#)
- [Siga o Maringá Post pelo Instagram.](#)

Para a indígena, a sua maior conquista atualmente é o ingresso no ensino superior, porque “mais do que ingressar na universidade, nossa maior conquista é nos mantermos e concluir a graduação, trilhar novos conhecimentos adquiridos em prol da nossa comunidade e nossos direitos”, comentou.

A acadêmica ainda apontou que, para os povos indígenas, dentro de um período de cinco séculos, apenas no ano de 1988, com a promulgação da Constituição, “deixamos de ser tutelados pelo Estado e passamos a lutar pela garantia dos nossos direitos”.

Entre as inúmeras dificuldades, como o distanciamento da família e do território, o enfrentamento de diversos preconceitos, a conciliação de maternidade e estudos, a liderança frente às questões internas da comunidade, “nós indígenas, estamos vencendo as barreiras e concluindo nossos estudos”, argumentou.

Segundo a indígena, “a Universidade Estadual de Maringá, mesmo sendo a mais distante das terras indígenas, é a instituição que mais formou estudantes indígenas, chegando ao marco de 45 formados no ano passado 2022”.

- [Receba todas as nossas notícias pelo Whatsapp.](#)
- [Siga o Maringá Post pelo Instagram.](#)

Neste mês de comemorações, que marcam a conscientização, lutas e resistências dos povos indígenas, Alciléia acrescentou que deseja “o reconhecimento e o respeito para que nossas lutas sejam vistas como legítimas na nossa comunidade”, concluiu.

Para a aluna do 4o. ano de Odontologia, Elizandra Mazieli Gyre Pereira, de 27 anos, da etnia Kaingang, da Terra Indígena Rio das Cobras, no município de Nova Laranjeiras (PR), um dos maiores desafios é enfrentar a discriminação, porque sempre tem aquelas pessoas que olham diferente para você, lamentou. Ela disse ainda que também outra dificuldade encontrada durante o curso foi a Língua Portuguesa, “porque muitas palavras no português não são traduzidas, para a nossa língua”. Como maior conquista, destacou ter passado no vestibular para Odontologia na UEM. “Um orgulho para mim, quanto para minha família. É muito gratificante eles verem em mim uma esperança, de que eles podem conquistar os objetivos deles também”, comemorou.

- [Receba todas as nossas notícias pelo Whatsapp.](#)
- [Siga o Maringá Post pelo Instagram.](#)

A professora Isabel Cristina Rodrigues, atual Assessora Especial para Articulação das Políticas de Inclusão da UEM, que também foi membro da Cuia Estadual e presidente da mesma comissão por três gestões (2013-2015), e que ainda atua na Cuia UEM diz que sua atuação local se concentrou nos acompanhamentos pedagógicos e sociais dos estudantes indígenas, para atender às demandas que requerem ações rápidas e pontuais. Ela acrescentou que “os desafios começam quando percebemos que precisamos conhecer, enxergar e escutar o que os povos indígenas tem a nos dizer e a nos ensinar, já que existem especificidades étnicas, linguísticas, culturais, políticas e cosmogônicas, para sabermos como esses povos atuam neste mundo”.

Na sua trajetória, a assessora relatou que, desde 1998, se interessou pelo estudo dos povos indígenas por meio da arqueologia e, na sequência, com a chegada da Lei Estadual 13.134, entendeu a importância de se conhecer também quem são os sujeitos indígenas de hoje, que exercem um papel importante nessa sociedade.

”

“A nossa função social é pensar na efetividade dos nossos estudos e de nossas ações cotidianas para que sejam feitos a partir das demandas que eles nos trazem e que precisam ser feitas com eles. Esse é o grande aprendizado desse percurso”, argumentou.

que em suas salas e relatos constam a obtenção de diplomas de graduação, apesar das barreiras e dificuldades enfrentadas durante os seus estudos e a ampliação das redes de relações sociais que os povos indígenas estabelecem com os não indígenas”.

Além da formação de mais de 40 graduados (um deles é o 1º arquiteto indígena formado no ano passado pela UEM, Fábio Sukâg Santiago), a UEM também formou o primeiro mestre indígena no Paraná: Florêncio ReKayg Fernandes, da etnia Kaingang. Após ele, formou outros dois pesquisadores da etnia Guarani: Isael Pinheiro e Jefferson Domingues. Os três mestres formados pela UEM, sob a orientação da professora Rosângela Célia Faustino, atualmente estão concluindo seus doutorados, sendo um na UEM e dois em universidades federais. O resultado dessa formação foi ampliar as ações de inclusão indígena no Paraná. Após estes mestres indígenas formados, outras IES no Paraná também iniciaram a inclusão na pós-graduação e isso trás muitos resultados em termos de inovação nas Terras Indígenas, como projetos de desenvolvimento, com inovação, elaborados pelos próprios indígenas pesquisadores”, citou Faustino.

**População Kaingang:** De acordo com dados publicados, por meio da Funasa em 2003, estimava-se uma população kaingang de 25 mil 875 pessoas, vivendo em 32 Terras Indígenas (TIs). A maioria dos kaingangs vive nos estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. No entanto, verifica-se a presença de famílias vivendo nas zonas urbanas e rurais próximas às TIs. Na zona rural, a presença kaingang é notada por unidades familiares ou individual, que, pela impossibilidade (econômica ou política) de viverem nas TIs, passaram a viver como trabalhadores não qualificados em fazendas e sítios das regiões próximas às aldeias. Se computadas todas essas famílias, o contingente populacional kaingang poderá chegar a 45 mil 620 (Siasi/Sesai, 2014).

**Povo Guarani:** No Paraná são quatro mil pessoas, aproximadamente. O povo indígena Guarani está localizado em cinco países sul-americanos: Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Bolívia. Não há um censo absoluto capaz de contabilizar exatamente a população Guarani na América do Sul. A estimativa do Conselho Indigenista Missionário é de que sua população seja de 225 mil pessoas.

Foto: Reprodução / UEM



### Leia mais sobre:

comunidade indígenas vestibular



Ingrid Souza

Eclesiastes 3:1-8

Comentários estão fechados.



## Últimas Notícias



**CIDADE**  
Tempo fica nublado nesta sexta-feira (17), mas pode chover no fim de semana

17 de maio de 2024



**DESTAQUE**  
Mega-Sena acumula e prêmio vai a R\$ 30 milhões

17 de maio de 2024



**DESTAQUE**  
Tabagismo responde por 80% das mortes por câncer de pulmão no Brasil

17 de maio de 2024



**CIDADE**  
Maringá lança campanha de arrecadação de livros para crianças e adolescentes do RS

17 de maio de 2024



Paciente furta ambulância para invadir mercado na região; Veja o vídeo

16 de maio de 2024



Mais de 300 pessoas fazem brinde à ciência no Pint of Science de Maringá

16 de maio de 2024



Descubra os Melhores Momentos para Jogar o Jogo do Tigre – Fortune Tiger

16 de maio de 2024



Paraná pode produzir até 750 mil sacas de café em 172 municípios em 2024

16 de maio de 2024

# MARINGÁ POST

Independente, sempre.

▶ Sobre Nós

▶ Política de Privacidade

▶ Mídia Kit

▶ Grupo do WhetsApp

▶ Cidade

▶ Cultural

▶ Direito Previdenciário

▶ Direito, Política e Literatura

▶ Economia

▶ Entretenimento

▶ Esportes

▶ Geral

▶ Mercado Imobiliário

▶ Negócios

▶ Orlando Gonzalez

▶ Poder

▶ Policial

▶ Saúde